



REVISTA NÓS

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 10, Nº 2, 2º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

ENTREVISTA: SÁIDA CUNHA

DOI: <https://10.5281/zenodo.14984409>

Envio:19.11.2024 - Aceite:10.12.2024

Aguinaldo Caiado de Castro Aquino Coelho

Pesquisador e professor na FAV/UFG desde 1993. Mestre (ECA - USP) e Doutor (FA – UFG) em arte. Pós-doutorado (IA – UNB), em artes. Secretário de Cultura de Goiás (2014), Superintendente de Cultura do Governo Estadual (2015), Diretor de Patrimônio Histórico e Artístico- GO (1999 – 2008). Foi Vice-presidente e conselheiro do Conselho Estadual de Cultura/GO. Realizou exposições e curadorias nacionais e internacionais.

Sáida Cunha (1941) é uma artista muito querida em Goiás, por parte dos seus incontáveis alunos na EGBA e na Universidade Católica de Goiás (atual PUC – GO), dos colegas professores e artistas, e apreciadores. Teve intensa participação no circuito das artes, desde 1963. Foi aluna da EGBA de 1962 a 1964 e depois atuou ali como professora. Seu vínculo com a Universidade Católica ou PUC, vem desde aqueles tempos, e durou 48 anos até sua aposentadoria, conforme nos contou.

Com uma vivência especial na EGBA, como aluna e professora, com seus professores e colegas artistas, durante tanto tempo, seu depoimento nesta publicação é inestimável para preservar a memória da instituição. Preferi publicar sua entrevista como depoimento, sem escrever as perguntas, da maneira como me falou, para manter a sua espontaneidade característica.

“Eu entrei na Escola Goiana de Belas Artes com 16 anos, quando eu vim de São Paulo para Goiânia. E naquela época você não tinha que prestar vestibular. Você fazia um teste de aptidão. Se passasse seria aprovado e ingressava. Só que a Escola de Belas Artes naquela época ainda era um curso livre. Você entrava e fazia as matérias. Nós tínhamos aulas de tudo. Era uma escola muito boa, com professores excelentes. Como o professor Frei Confaloni, o Ritter, que era um grande escultor, uma pessoa, um artista fantástico. O professor Veiga, que era um grande desenhista. Enfim, nós tínhamos grandes professores. Eles eram muito bons.

Precisavam de uma escola de artes para se transformar em universidade. Então a escola de belas artes foi absorvida. E nós tínhamos aulas normais, de currículo normal. Nós tínhamos aulas de desenho todos os dias e tínhamos aulas também de geometria, de perspectiva, de arte, de modelagem, de escultura, de queima de azulejos, tínhamos tudo, era tudo muito bom. E nós tínhamos aulas de modelo vivo que ficava no porão, a gente chamava de porão, que era a parte debaixo do prédio que tinha sido construído para absorver a arquitetura e a belas artes. Então era um período fértil, muito bom. Ana Maria Pacheco, Isa Costa e o D. J. Oliveira, com o Frei, eram professores e então nós

frequentávamos os ateliês do Frei, do Oliveira, da Ana Maria, da Isa, de todo mundo. Era uma vida muito atuante.

Inclusive nós saímos para pintar ao ar livre, nas ruas. A cidade ainda não tinha esse movimento todo. Nós íamos muito para as avenidas, levávamos e montávamos os cavaletes e pintávamos nas ruas. Na avenida Araguaia, na avenida Goiás, íamos para perto da Estação Ferroviária, íamos para ali no setor sul, onde hoje é Saneago, e também íamos para outras cidades, como Pirenópolis, Cidade de Goiás, Senador Canedo. Nós saíamos para todas essas cidades e regiões e pintávamos muito ao ar livre. Pintávamos no bosque dos Buritis com muita frequência. E era um período extremamente fértil. O modelo de ensino não era uma novidade em Goiás. Uma vez teve um congresso de intelectuais aqui em Goiânia. E as pessoas que vieram, inclusive de fora, como da França, ficaram impressionados com o nível de pinturas que eles encontraram. Eles achavam que fossem encontrar uma pintura ingênua. Encontraram artistas modernos, como o Frei, como o Ritter, como o Veiga. E eles ficaram bastante impressionados com a qualidade das pinturas que eles encontraram.

E foi muito bom. Depois, com o tempo, houve uma ruptura e alguns, com o professor Ritter, fundaram outra escola na Universidade Federal. E aí a Escola de Belas Artes da Universidade Católica foi perdendo os alunos, porque ninguém ia pagar quando na outra escola, na Federal, podia ter aulas de graça. E criou-se a Faculdade de Artes e Arquitetura da PUC (que hoje é PUC -Goiás), com Artes e Arquitetura. Então a gente continuava trabalhando com modelo vivo, com queima de azulejos, escultura, modelagem. O Oliveira tinha o ateliê dele no próprio porão lá do prédio da arquitetura. Ana Maria Pacheco tinha a sala dela, onde ela também fazia as esculturas. O Oliveira queimou um painel que eu tenho na minha casa, lá na Faculdade de Arquitetura. Nós trabalhávamos juntos, limpando os azulejos, enumerando. Então era uma faculdade realmente muito produtiva.

E eu tive bons colegas, colegas da Belas Artes, como a Isa Costa, Ana Maria Pacheco, e o Amauri Menezes. Ele entrou um ano depois de mim, mas ele era tão bom, tão melhor do que os outros, que foi convidado para ser professor, porque era um grande aquarelista. Ele foi convidado para ser professor e não terminou o curso de Belas Artes, por conta disso.

Ele passou de aluno a professor. Então nós tivemos assim uma escola de Belas Artes diferenciada.

Sobre acompanhamento na minha carreira, o Frei, toda a vida, me acompanhou no meu trabalho de arte, sempre. Eu frequentava o ateliê dele, ele frequentava a minha casa, nós éramos amicíssimos, eu era a maior amiga do Frei. Então, a nossa convivência era muito grande, muito boa, e assim, foi uma pessoa que me acompanhou a vida inteira. E também o Oliveira. O Oliveira também me acompanhou, até que ele mudou para Luziânia. Mas a EGBA era uma faculdade que tinha, sim, um processo acadêmico. Ela tinha todas as aulas que uma universidade precisava de ter. E os artistas mais inovadores eram o Frei, né? O Frei que trouxe toda uma arte que veio da Itália, de Florença, e também o professor Ritter. O professor Ritter tinha uma formação maravilhosa. As obras, as esculturas do professor Ritter podem estar presentes em qualquer museu do mundo. São obras magníficas, magníficas. Então eles eram inovadores e tinham mais alunos que os demais, porque todo mundo queria ser aluno deles. As aulas de gravura também eram muito boas.

E a frequência era de todos os dias da semana. Nós tínhamos aulas todos os dias da semana. Muitas vezes nós trabalhávamos até de madrugada. Ficávamos lá trabalhando. Naquela época, a escola podia ficar aberta. Hoje não, hoje eles fecham tudo, mas antigamente os alunos ficavam e trabalhavam até de madrugada, além da carga horária normal, que toda universidade tem que ter. E a frequência era de todos, e a carga horária das aulas, cada uma tinha a sua, por exemplo, a aula de pintura tinha uma carga horária, de escultura tinha outra. Mas tinham aulas, por exemplo, de História da Arte, tinha aula de Geometria, tinha aula de tudo.

Então, eu frequentei a Escola Goiânia de Belas Artes entre em 1962 e fiquei até 64, quando eu formei, mas aí eu fiz normal para poder dar aula, então eu continuei na faculdade e nunca mais eu saí. Aulas na Escola de Belas Artes, hoje a Arquitetura, até o ano de 2012.

Então, foram 48 anos de aula. Como disse, nós tínhamos aulas ao ar livre, nas ruas, na praça da Tamandaré. Numa praça aqui do setor sul, nós íamos pintar e tinha uma frequência maravilhosa e era muito bom porque as pessoas ficavam em volta para nos ver pintar. E o Frei sempre presente, Oliveira sempre presente, professor Veiga . A presença

dos alunos chamava a atenção na cidade. Então foi um período maravilhoso e eu gostaria de dizer que foi uma escola de nível superior. Excelente, com professores maravilhosos e a arte em Goiás se deve muito a esse período, esses professores que abriram espaço para grandes artistas. Então hoje você vê, nós temos grandes artistas e eu gostaria de trazer um aspecto que gostaria de falar.

Você tem, por exemplo, em Minas, os alunos têm uma influência muito grande do Guignard. Aqui em Goiás, aqui em Goiânia, os artistas têm caminhos diferentes. Então você não tem, por exemplo, uma escola do Frei, cada um segue seu caminho. Nós temos grandes artistas aqui na cidade de Goiânia e nos arredores, todos grandes artistas. Então, foi uma escola rica, produtiva e deu frutos. Porque nós temos hoje grandes artistas aqui em Goiânia que nasceram da Escola de Belas Artes. Podemos citar vários que hoje ocupam destaque. O Siron não fazia a Escola de Belas Artes, mas ele ia no curso. Ele frequentava o ateliê do Oliveira, então ele abriu espaço internacional com as obras dele. Então o Siron estava sempre lá, a Maria Pacheco, Isa Costa, Cléia Costa, eu vou esquecer de falar alguém, não gostaria, mas foram grandes artistas que estiveram lá. O Cirineu, o Heleno, o Sena, ele não foi da nossa escola, mas ficou nesse período, o Enauro, o Marcelo Solá, a Marilda, Miriam Pires, Soraya Kalil, Selma Parrera, o Selvo, todos passaram por lá. Uma escola maravilhosa, sem dúvida nenhuma, uma escola que é reconhecida e que abriu o caminho para todos hoje.

Eu não posso cometer uma grande injustiça: o professor Élder Rocha Lima foi um dos fundadores da Escola de Arquitetura e ele elaborou um programa riquíssimo da Escola de Belas Artes que depois se transformou em arquitetura. Ele permitia que você fizesse propostas de aula que não era um currículo trancado, fechado. E ele foi cassado pela revolução, então ele não podia dar aula. Mas ele estava dando aula, abriu o curso e fez o programa todo da arquitetura, que ainda era Belas Artes e Arquitetura. E fez um currículo maravilhoso, espetacular. Começou a dar aula de graça, sem ganhar nenhum centavo, nada. Aí alguém denunciou e ele foi mandado embora, porque não podia dar aula mesmo que fosse de graça. Essas são as injustiças nesse país, essa injustiça do professor Élder é triste. Então não se pode esquecer que o professor Élder foi importantíssimo na criação da escola

de Belas Artes, da escola de arquitetura, porque ele fez um currículo amplo, aberto, maravilhoso.

E também Tai, porque a escola de Belas Artes também criou a escola de Design. E o programa que o Tai fez foi elogiado pelo MEC. Eles falaram que nunca tinham visto um programa da escola de design tão bem feito e completo, quanto o programa que o Tai criou. Então, olha, nós temos história e história muito rica, temos pessoas que trabalhavam bem demais. O Élder tem livros publicados, o Tai tem livros publicados, o do Tai é reconhecido internacionalmente. Então é gente demais, boa demais, é muito difícil falar tão pouco e precisava de mais tempo para poder contar toda a história da Escola de Belas Artes e depois, Belas Artes e Arquitetura. Eu espero que você consiga falar bem sobre isso, para mostrar um pouco da riqueza que foi a Escola de Belas Artes e Arquitetura do estado de Goiás, de Goiânia.

E eu gostaria também de acrescentar a presença da Beatriz, esposa do Élder, que também trabalhou lá conosco, que deu aula lá. Era uma pessoa maravilhosa, muito culta e muito preparada. E lembrar que a Ana Maria Pacheco, hoje, é considerada a maior escultora viva de Londres, da Inglaterra. E a formação dela foi aqui, em Goiânia, foi na nossa escola. E ela foi convidada para poder fazer um programa de uma escola de artes em Londres, e ela fez em cima de toda a programação, toda a programação curricular da nossa escola, com as aulas de modelo vivo, com as aulas de criatividade, de tudo. A outra pessoa que a gente também não pode deixar de mencionar a riqueza do trabalho dele, é o Amaury Menezes. O Amaury de aluno, foi convidado para professor. Ele tem um livro que é fora de série, da Caverna ao Museu, dicionário das artes plásticas em Goiás. E ele tem livros de arte. Olha, é muita gente, é muita coisa, tem coisas maravilhosas. O Amaury também escreveu uma mini-biografia do Oliveira. E Oliveira quis que fosse ele a fazer essa mini-biografia. A gente tinha que sentar e conversar de novo. Muita coisa que ainda tem para poder falar sobre essa faculdade exemplar.

Mais uma curiosidade, o Tai escreveu um livro de ideogramas chineses, todinho feito à mão. Ele trabalhou os ideogramas todos feitos à mão. Esse livro dele é best-seller, é reconhecido como o melhor livro de ideogramas do mundo. Ele fez todinho à mão, pintando

tudo à mão. A impressão são os desenhos dele à mão. E tem um outro livro também que ele publicou, que são os trabalhos que os alunos fizeram conosco durante as aulas. Tinha o professor Edgar Graeff, ele ficava tão impressionado, ele olhava os trabalhos dos alunos de primeiro e segundo dos alunos e falava que eram obras de arte. E, realmente, a gente trabalhava e criávamos... Os alunos criavam verdadeiras obras de arte. A Escola de Belas Artes e depois a Escola de Arte e Arquitetura foi muito boa. Hoje, não. Hoje eles já desmancharam tudo, não tem mais a qualidade que tinha naquela época. Mas a faculdade foi exemplar, exemplar.

No começo eram poucos alunos, você tinha em torno de 15, 20 alunos, depois aumentaram os alunos para 30, depois passou para 60 e aí você já viu, né? A gente dividia, dávamos aulas, dois, três professores juntos na mesma, na mesma matéria. Nós ficávamos juntos e conhecíamos alguns alunos e ficávamos o Cirineu, a Beth Cardoso, eu e a Virgínia, e a gente dava aula juntas. Também era muito produtivo, porque o aluno ouvia opiniões diferentes sobre o seu trabalho, o que é muito importante. Você não tem uma única perspectiva, uma única visão do que você está fazendo, mas você vê o olhar de outras pessoas sobre o seu trabalho. E isso era bom porque criava um impacto. O aluno ouvia opiniões diferentes e ele tinha que repensar tudo que ele estava fazendo, né? E era uma faculdade maravilhosa.

Os alunos expunham seus trabalhos. Nós tínhamos um espaço dentro da sala de aula, onde a gente pregava todos os trabalhos e todo o processo de raciocínio que o aluno desenvolvia, porque o processo não era estanque, a criatividade não é estanque, ela não tem um único resultado. Então você caminha com vários produtos finais, com vários estudos, e a gente fazia isso. E o aluno também participava, ele também falava sobre o trabalho que ele estava fazendo. E o aluno pegava o modelo que ele tinha vontade de fazer. Uma vez nós tivemos um aluno que levou uma galinha e desenhou essa galinha, ela deve ter feito mais de cem estudos e trabalhos dessa galinha. E a criatividade dela foi fantástica. Então nós tínhamos sim. Os alunos expunham os trabalhos, uma vez teve um congresso de arquitetura e aí vieram escolas do Brasil inteiro, e ficaram impressionadíssimos com a qualidade dos nossos trabalhos, e muitos professores de outros estados procuraram captar

a essência e o programa que a gente fazia. Nós éramos realmente muito bons. E nesse congresso, o pessoal que veio ficou impressionado com a qualidade dos trabalhos e com a forma com que esses trabalhos foram expostos no pavilhão da Faculdade de Arquitetura. É impressionante.

Você perguntou se ela (a Faculdade de Arquitetura) tinha pretensão moderna ou era mais acadêmica. Ela tinha que ser acadêmica porque ela tinha que cumprir programas, mas ela nunca foi estanque. Ela sempre procurava inovar, toda a vida ela procurava inovar. Fizemos uma exposição lá no Museu do Chateaubriand, tivemos uma exposição lá com trabalhos nossos lá no Museu de Arte Moderna. Então, a escola toda a vida teve presença forte e tinha cargo horário de aulas. Você perguntou se ela foi importante na minha preparação profissional. Profissional. Claro que foi, ela foi fundamental, ela foi fundamental. E os alunos expunham os trabalhos, nós fazíamos exposição dos trabalhos também fora do esquema da faculdade, da escola, fazíamos exposições em espaços, a primeira exposição da Caixa, todo mundo participou, nós tivemos prêmios. Não, é muita coisa que tem que falar, é muita coisa.

Nós saímos, sim, como eu já falei mais atrás, para pintar fora, para pintar nas ruas. E foi uma coisa muito interessante, porque o Tai Hsuan – An teve uma visão diferente. Ele começou a mostrar as casas da periferia, então tinha as colchas estendidas, as roupas estendidas, e a gente registrava tudo isso. Eu tenho uma aquarela aqui do Amauri maravilhosa, que é um varal de roupas. Então, nós registramos a cidade, que hoje é história. A pintura ao ar livre, ela é um registro histórico da cidade. Você vê as bancas de frutas. As bancas de revistas do Amaury, essas coisas que nós pintávamos. Eu estou aqui sentada em frente a uma pintura que eu fiz dentro do Lago das Rosas? E eu pintando a rua. Então, nós registramos a história da cidade. Nós contamos a história da cidade, não só aqui, mas também nas periferias. E tivemos artistas bons demais, grandes artistas. Olha, você pode escrever que a Escola de Belas Artes foi uma escola maravilhosa, maravilhosa. As aulas de gravura do Oliveira, as aulas da Ana Maria, fazer a gravura no metal, a ponta negra, a Dinéia, o lirismo da Dinéia. Olha, Aguinaldo, é coisa demais. São artistas fabulosos que a escola criou, é muita gente, e muitos que descobriram seu próprio caminho através do que esses

artistas foram deixando. É muita gente, é muita coisa, eu tô morta de medo porque eu estou deixando de falar de algum que eu não estou lembrando.

Na Escola de Belas Artes o curso era de cinco anos, a mesma coisa de uma escola de engenharia, de qualquer outra. Com os 30 anos de criação da faculdade, nós fizemos um encontro lá com os artistas, o Roosevelt, que frequentava a escola, todo mundo frequentou a escola. Então, a gente fez umas telinhas de 30 por 30, e os artistas foram lá na faculdade e pintaram lá, obras que eles fizeram lá dentro desse espaço, para poder ser montado um painel. Essas obras estão lá, com o Roberto, que nunca montou o painel. O que ele fez nessas obras, eu não sei, mas tem pinturas da Isa, da Oliveira, da Ana Maria, de todo mundo. E, no entanto, ele não expôs essas obras.

Você me perguntou quem que me induziu a fazer belas-artes e eu te respondi que foi minha mãe. Eu gostava muito de desenhar rosto e aí minha mãe me via fazendo desenhos de rosto e aí ela falou pra mim, por que você não faz belas-artes? Você gosta tanto de desenho. Então foi em cima dessa opinião da minha mãe que eu fui fazer belas-artes. Eu devo a ela esse caminho. Fui fazer belas-artes porque ela falou pra mim que eu desenhava bem e que eu devia fazer belas-artes.

Mas espero que tenha te ajudado a fazer alguma coisa que vai valer a pena, tá? Um abraço bem grande, fica com Deus.

Sáida Cunha

Goiânia, 05 de fevereiro de 2025